

Varição, mudança fônica e identidade: a implementação da palatalização de /t/ e /d/ no português falado na antiga região colonial italiana do Rio Grande do Sul

Elisa Battisti¹

1

Introdução

Línguas faladas em qualquer área territorial significativa sofrem fragmentação regional: mudanças gramaticais, de vocabulário ou fônicas que emergem em um lugar não necessariamente se difundem a todos os demais, o que faz surgir dialetos regionais, as chamadas variedades diatópicas. Essa concepção de fragmentação linguística, da dialetologia, fundamenta-se em uma ideia geográfica de lugar posteriormente assimilada pela sociolinguística na noção de comunidade de fala: o falante localiza-se socialmente em classe, gênero, entre outras categorias, e, geograficamente, na comunidade de fala, que define o falar e circunscreve a população sob estudo (Eckert, 2004). Mais recentemente, admite-se nos estudos sociolinguísticos que a proveniência regional está impressa no vernáculo, é indexada pela fala vernacular (Coupland, 2007).

Na linha de investigação sobre variação e mudança linguística inaugurada por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), região e lugar estão implicados em um dos problemas referentes aos fundamentos empíricos da teoria, o problema da implementação, que pode ser resumido na seguinte pergunta: o que explica as diferenças na ativação de processos de variação e mudança numa mesma língua? Em outras palavras: guardados os mesmos condicionamentos estruturais, por que os

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)/CNPq

padrões de realização de um dado processo são distintos em diferentes comunidades de fala de uma mesma língua? A hipótese dos autores, embasada no pressuposto de que mudança linguística é mudança no comportamento social, é a de que a difusão de aspectos variáveis inicia-se num subgrupo específico da comunidade, adquire significação social e generaliza-se. Essa generalização não se dá instantaneamente, uma vez que a comunidade em sua estrutura social não é estática: novos grupos ou estratos podem a ela ser incorporados, o que interfere na etapa de finalização da mudança, aquela em que a significação da alternância se perde e uma das variantes é selecionada.

Essa questão, a da implementação da variação e mudança fônica, será abordada no presente artigo, acerca da palatalização das oclusivas alveolares /t/ e /d/ antes de vogal alta /i/ (*tia~tʃia*, *dia~dʒia*) ou de vogal elevada de /e/ átono (*gente~gentʃi*, *pode~podʒi*) em um falar de português brasileiro. Para tanto, será necessário discutir a comunidade de fala que circunscreve a população investigada.

Em comparação com o português europeu, a palatalização de /t/ e /d/ é traço inovador da variedade sul-americana, mas o processo variável está longe de aplicar-se homogeneamente nos diferentes falares de português brasileiro. Por exemplo, a palatalização é de 94% em Salvador, Bahia (Abaurre e Pagotto, 2002), como também em Porto Alegre, Rio Grande do Sul (Kamianecy, 2003); é de 62% em Alagoinhas, Bahia (Hora, 1990), e de 8% em Florianópolis, Santa Catarina (Kamianecy, 2003). No próprio estado do Rio Grande do Sul, território de interesse aqui, as taxas de aplicação são díspares. Battisti e Guzzo (2009) revisaram um conjunto de análises de regra variável da palatalização em comunidades do sul do Brasil e verificaram, em específico sobre o Rio Grande do Sul, que a palatalização se aplica com frequência muito alta apenas na capital gaúcha, Porto Alegre. Nas comunidades do interior do estado, as frequências totais são de moderadas a baixas, apesar de os condicionamentos estruturais serem os mesmos. E, em pelo menos uma das comunidades, há indícios de que a palatalização se estabilize em índices modestos. Vem daí a pergunta a ser respondida neste trabalho: em termos sociais, o que condiciona esse aparente refreio à generalização da regra no interior do estado?

Para responder à pergunta, serão apresentados alguns resultados da análise sociolinguística (Labov, 1972, 1994, 2001) da palatalização de /t/ e /d/ no falar de português brasileiro de Flores da Cunha, Rio Grande do Sul, em comparação com os resultados obtidos em municípios gaúchos vizinhos. O objetivo é o de mostrar que, numa das regiões interioranas do Rio Grande do Sul, onde a origem étnica é predominantemente

italiana, a regra vem sendo implementada, porém lentamente, em razão da percepção de lugar alimentada pela identidade étnica comum. É isso o que cria o contraste entre o alto índice de palatalização na capital do estado e os índices relativamente baixos nessa região do interior gaúcho.

A análise toma como fundamentos a noção de variação linguística como prática social de Eckert (2000), de acordo com a qual o valor social das alternantes liga-se a identidades dos sujeitos construídas nas práticas diárias em diferentes comunidades; a concepção de comunidade de fala discutida por Eckert (2004), que propõe vê-la não como unidade geográfica, mas como entidade percebida e diferentemente construída nas práticas e falares de grupos e indivíduos distintos; a ideia de italianidade ou identidade étnica italiana de Zanini (2006), embasada na pertença a uma comunidade imaginada (Anderson, 1983) pelos descendentes de imigrantes italianos no Brasil meridional; e no pressuposto sobre globalização e variação linguística que vimos construindo, com base em Santos (2000) e Mufwene (2010), entre outros, de acordo com o qual os sujeitos utilizam variantes cada vez menos marcadas por traços locais ao libertarem sua identidade pessoal dos limites da comunidade. Ou, em sentido inverso, fortalecem tacitamente os laços socioculturais com o lugar e utilizam a língua como recurso para marcar pertença à comunidade de origem em sociedades que, por razões tecnológicas e econômicas, incluem eventos globais e distantes na percepção do que lhes seja significativo, mas cujas certezas e seguranças de vida, mesmo enfraquecidas, permanecem ligadas a locais particulares.

O artigo inicia-se por uma breve caracterização do município de Flores da Cunha. A seguir, expõem-se os resultados da análise de regra variável dos dados de 48 informantes daquele município, e comparam-se os resultados da análise aos obtidos em Antônio Prado (Battisti et al., 2007) e Caxias do Sul (Matté, 2009), municípios situados na antiga região colonial italiana do Rio Grande do Sul (RCI-RS)², para mostrar como o processo identitário de etnicização cultural orienta práticas sociais locais numa comunidade que, a um só tempo, se abre à variação e mudança fônica, mas refreia a difusão

² Sabbatini e Franzina (1977), que empregam termo correspondente (Região de Colonização Italiana), explicam que a RCI corresponde especificamente às áreas das ex-colônias de natureza pública, fundadas entre 1875 e 1892, na Encosta Superior do Nordeste do Rio Grande do Sul. Atualmente, 55 municípios localizam-se nesse território, entre eles Bento Gonçalves, Caxias do Sul, Farroupilha, Flores da Cunha, Garibaldi, São Marcos, Veranópolis, Antônio Prado. De acordo com Frosi e Mioranza (1983) e Frosi (1989), o grupo de imigrantes era misto relativamente à província italiana de origem, sendo quatro as regiões da Itália setentrional de que veio a maioria deles: Lombardia, Vêneto, Friuli Venezia-Giulia e Trentino-Alto Ádige.

dos processos, o que se reflete em índices moderados ou baixos de aplicação da regra variável em questão, a da palatalização de /t/ e /d/. Por fim, com base em alguns elementos da história social da região e das práticas diárias de seus habitantes, aborda-se a RCI-RS no eixo ideológico local-global, ampliando-se a discussão dessa região como a comunidade de fala que Flores da Cunha e municípios vizinhos integram para o estudo de palatalização.

2. Flores da Cunha (RS)

Flores da Cunha é um dos 55 municípios da RCI-RS, área geográfica a nordeste do Rio Grande do Sul onde foram assentados imigrantes italianos no final do século XIX. É município vizinho a Caxias do Sul, maior cidade do Rio Grande do Sul após a capital, Porto Alegre. A população de Flores da Cunha é pequena, em torno de 27.000 habitantes³, mas não está em redução. Na área de 272,66 km², a zona rural é relativamente grande e o pequeno centro urbano dá sinais de crescimento. Sua economia é diversificada, inclui indústria, comércio, serviços, agricultura. O município é um dos maiores produtores de vinho do Brasil e sua indústria moveleira exporta para a América Latina, Estados Unidos e Europa, entre outros.

3. Palatalização em Flores da Cunha e região

As 48 entrevistas sociolinguísticas (BDSer-UCS)⁴ de Flores da Cunha de que foram levantados os contextos de palatalização foram realizadas entre 2008 e 2009, boa parte delas pela autora. Os informantes são dos dois gêneros, da zona urbana e rural e pertencem a quatro grupos etários: 18 a 30 anos de idade; 31 a 50 anos; 51 a 70 anos; 71 ou mais anos. Essas características configuram as três variáveis extralinguísticas controladas na análise: Gênero, Local de Residência e Idade. As variáveis linguísticas são Contexto Fonológico Precedente, Contexto Fonológico Seguinte, *Status* da Vogal Alta, Posição da Sílabas na Palavra, Tonicidade da Sílabas, Qualidade da Consoante-Alvo. Os 23.163 contextos levantados das entrevistas foram codificados e posteriormente submetidos aos programas computacionais do pacote VARBRUL, versão Goldvarb X⁵ para ambiente Windows, que realizam análise estatística de regressão logística.

³ Cf. dados do IBGE, censo 2010. Disponíveis em www.ibge.gov.br. Acesso em 13 de março de 2011.

⁴ Banco de Dados de Fala da Serra Gaúcha, da Universidade de Caxias do Sul.

⁵ Disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.htm>. Acesso em 21 de dezembro de 2010.

O total de aplicação da regra de palatalização em Flores da Cunha é de 29%, considerado baixo se comparado aos 94% de aplicação total na capital Porto Alegre (Kamianecy, 2003). Tal índice é o que revela a primeira rodada do pacote de programas VARBRUL, de que obtivemos os resultados aqui relatados. A análise estatística merecerá ainda refinamento, para controlar a distribuição de dados nos fatores de cada grupo, e lidar com a não-ortogonalidade dos grupos Posição da Sílabla na Palavra e Tonicidade da Sílabla. Por isso, surpreende que a análise tenha selecionado oito dos nove grupos de fatores controlados, na seguinte ordem: *Status* da Vogal Alta, Idade, Local de Residência, Qualidade da Consoante-Alvo, Gênero, Contexto Fonológico Precedente, Contexto Fonológico Seguente, Tonicidade da Sílabla. Mais surpreendente é a ordem de seleção e os quatro primeiros grupos selecionados, que coincidem com o já verificado em Antônio Prado e Caxias do Sul: o condicionamento do processo é tanto linguístico quanto social. Por essa razão, serão os resultados de *Status* da Vogal Alta, Idade, Local de Residência, Qualidade da Consoante-Alvo o que será aqui apresentado, e nessa ordem, respeitando a indicação do programa.

O grupo *Status* da Vogal Alta contém dois fatores, *vogal alta fonológica* (mentira) e *vogal alta fonética* (gente), isto é, vogal alta que pode ser elevada de /e/ átono. Esperava-se encontrar resultados similares aos de Battisti et al. (2007) e Matté (2009), que apontam a vogal alta fonológica como condicionadora da regra. A hipótese foi confirmada, como mostra a Tabela 1.

Tabela 1: *Status* da vogal alta

Fatores	Aplic./ Total	%	Peso relativo
Alta fonológica (mentira)	5053/ 8183	62	0,89
Alta fonética (gente)	1705 /14980	11	0,23
TOTAL	6758 /23163	29	
Input 0,174		Significância 0,000	

O mais forte condicionador da regra é a própria vogal gatilho, /i/. Os contextos com vogal alta fonológica correspondem a um terço dos dados, e a frequência de palatalização neles é alta: 62%. Já nos contextos com vogal /e/ candidata a elevar-se a [i], que reúnem a maioria dos dados, a frequência é baixa, de apenas 11%. Isso explica a tendência atestada pelos valores de peso relativo obtidos: em Flores da Cunha, a regra tende a aplicar-se com /i/, e a ser inibida por /e/. Esse comportamento é verificado também em Antônio Prado (Battisti et al., 2007) e Caxias do Sul (Matté, 2009), como mostra o Gráfico 1.

Status da vogal alta

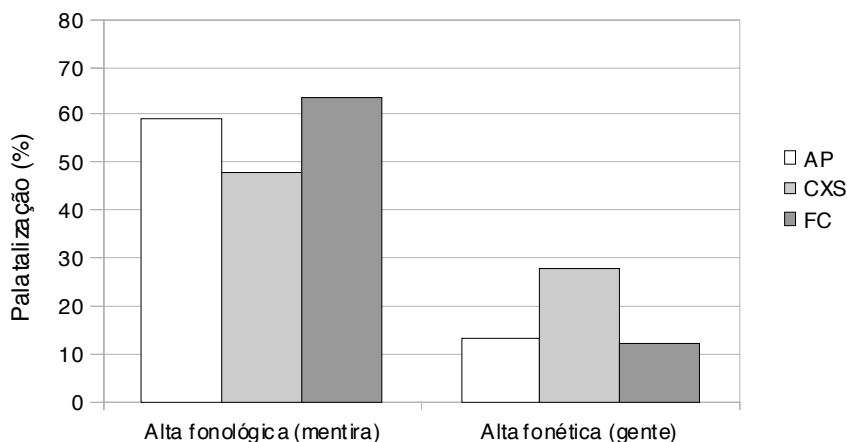


Gráfico 1: Proporção de palatalização para a variável *Status* da Vogal Alta em Antônio Prado, Caxias do Sul e Flores da Cunha

Confirma-se, na comparação entre os municípios, a tendência de a vogal alta fonológica condicionar a palatalização e de a vogal alta fonética inibir o processo. Na hipótese de Guy (2000), aplicável a condicionamentos linguísticos, o comportamento de *Status* da Vogal Alta seria similar nos diferentes municípios porque refletiria a unidade maior do português do Brasil. Isso é verdade apenas em parte para o caso em questão: a palatalização é desencadeada por vogal alta no português brasileiro; se a elevação de /e/ átono é baixa, não se alimenta a palatalização. E é essa baixa elevação de /e/ átono o que contribui com maior peso não para a unidade do português do Brasil, mas para sua fragmentação, já que em outras regiões do Brasil a aplicação dessa regra é praticamente categórica. A sugestão que se obtém da comparação dos resultados é, então, a de que a comunidade de fala relevante desfaça os limites geopolíticos particulares dos municípios em questão, e reúna-os numa região, cujo contorno seja desenhado de modo a distingui-la de outras comunidades do território brasileiro.

Em seu estudo pioneiro, Bisol (1986, 1991) atribui a tendência de palatalização com vogal alta fonológica à interação do processo com a variável Etnia, não no que se refere aos aspectos sociais envolvidos, mas a motivações predominantemente internas da variação e mudança,

decorrentes do contato do português com italiano, alemão e espanhol, no caso das comunidades por ela estudadas⁶. A autora afirma:

Parece que o contato do dialeto gaúcho com línguas em que a palatalização da oclusiva não existe ou não segue os cânones da Língua Portuguesa [...] vem embargando o caminho de expansão da regra, reforçando-lhe a restrição peculiar nas comunidades monolíngues e acentuando-lhe o caráter de regra adquirida nas comunidades bilíngues. (Bisol, 1986, p. 170)

O contato entre português e falares dialetais italianos se verifica ainda hoje em dia na RCI-RS, mesmo que na forma de bilinguismo não generalizado e, em muitos casos, passivo⁷. Africadas como as que resultam da palatalização das oclusivas alveolares em português existem nos falares italianos, como nos vocábulos *ciao* (olá) e *oggi* (hoje). Mas neles as africadas não são variantes. Além disso, as africadas opõem-se a /t/ e /d/. O que pode transferir-se dos falares italianos ao português é, sim, o reflexo da distinção gramatical veiculada pelas vogais /e/ e /i/ quando morfemas de plural específicos de gênero: -e é morfema feminino plural (*donna-donne*, mulher-mulheres), -i, morfema masculino plural (*bambino-bambini*, menino-meninos). Falantes bilíngues português-italiano, ou oriundos de comunidades onde ainda se verifica o bilinguismo, tendem a não elevar a média átona /e/, como reflexo de seus hábitos de fala em língua italiana, que requer a clara emissão e manutenção da vogal para garantir a veiculação de informação gramatical. Esse foi o raciocínio de Bisol (1981) no estudo de harmonia vocálica, em que a etnia italiana aparece como a que menos eleva as vogais médias átonas. Entendemos que tal raciocínio também se aplique ao estudo em questão: ainda há bilíngues na comunidade de descendentes de italianos que é Flores da Cunha. A elevação de /e/ átono tende a ser de baixa a moderada no município (Roveda, 1998; Guzzo, 2010), o que reduz o número de contextos com vogal alta fonética, que alimentariam a regra de palatalização.

Esse raciocínio, no entanto, é apenas uma das motivações para o padrão de palatalização regional. Outra motivação, também ligada à etnia,

⁶ As etnias alemã, italiana e fronteiriça, contempladas pela autora, são representadas na amostra por informantes dos municípios gaúchos de Taquara, Veranópolis e Livramento, respectivamente.

⁷ Entende-se por bilinguismo passivo o de indivíduos que apenas compreendem uma das línguas, não falam, não escrevem, tampouco leem essa língua, que é não-dominante.

mas em seus aspectos socioculturais, está, acreditamos, no que Zanini (2006) abordou em seu estudo sobre italianidade no município gaúcho de Silveira Martins e pode ser aplicado à compreensão da variação e mudança fônica em questão. Segundo ela, os descendentes de italianos lá residentes vivenciam a italianidade convertendo sua etnia de base num código revelador de diferenças quanto a estilo de vida, posições sociais, poder, e tomando-a como forma de auto-expressão. Assim fazendo, sentem-se parte de uma comunidade imaginada (Anderson, 1983) – talvez a RCI-RS, em nosso caso. A origem familiar e seus símbolos, entre eles os linguísticos, convertem-se em patrimônio, em capital cultural que compete no mercado de bens simbólicos locais, regionais e nacionais, e contribui para a distinção simbólica e visibilidade do grupo. Entendemos que tanto a baixa elevação de /e/ átono quanto o refrão à palatalização na região decorram da vivência de uma italianidade, resultem do empenho, tácito, de preservar práticas sociais tradicionais que, orientadas pelo *habitus* (Bourdieu, 1977), são simbolicamente compreendidas pelo grupo como um patrimônio.

Esse patrimônio transforma os próprios lugares em mercado, como observa Coupland (2007) acerca de variação linguística, identidade e estilo. Conforme o autor, à medida que o turismo se torna fonte de renda, lugares são vendidos e comprados como destinos turísticos. Para tanto, necessitam ser estilizados para diferenciar-se, mas ainda assim serem acessíveis. Seus habitantes, suas práticas sociais, dentre elas a fala, são estilizados, em busca de autenticidade. Exemplo disso é o que ocorre em festas que celebram a cultura italiana em municípios da RCI-RS, como a Festa da Vindima, que ocorre a cada dois anos em Flores da Cunha. Veja-se o que um jornal local publicou a respeito dessa festa:

Flores da Cunha abre hoje a sua festa da vindima. Embora os moradores da Serra não percebam o valor dessas celebrações, os turistas ficam encantados com o aroma, a mesa farta, a autenticidade, a qualidade de nossos vinhos e espumantes [...] Não é preciso fazer um evento com a grandiosidade da Festa da Uva⁸ para celebrar a vindima. Pelo contrário: o que o turista quer é autenticidade, sabor, alegria e generosidade.

(Pioneiro, 8 de fevereiro de 2011, p. 8)

⁸ A Festa da Uva é realizada em Caxias do Sul a cada dois anos para celebrar a fruta que lhe dá nome e é cultivada no município.

Fica nítida a tese do jornal de que festas como a da Vindima se voltam a turistas e, portanto, devem oferecer a seu público o que ele busca experimentar, isto é, o que é entendido como genuinamente local, e que se poderia chamar, na atualidade, de ítalo-brasileiro. Elementos como esse, o mercadológico, levam os sujeitos a desenvolverem discursos sobre suas práticas e, assim, perceberem e tornarem certos traços salientes, estilizando-se. Acreditamos que, na RCI-RS, a baixa palatalização e elevação de /e/ átono sejam recursos estilísticos que permitem aos descendentes de italianos (e de outras etnias que porventura residam hoje na comunidade) vivenciarem italianidade, realizarem práticas sociais locais como forma de diferenciarem-se no cenário estadual e nacional e, assim, ganharem visibilidade, mesmo que elementos não-locais sejam também experimentados na comunidade.

Neste ponto do trabalho, em que se apresentaram os resultados da variável Status da Vogal Alta na análise dos dados de Flores da Cunha e se fez a comparação desses resultados com os obtidos em outros municípios da RCI-RS, pensa-se que já esteja clara a ideia aqui proposta – de que se admita a RCI-RS, por motivações principalmente socioculturais e identitárias, como comunidade de fala relevante para o estudo de palatalização nessa área do interior do estado, não mais os municípios isoladamente. Pensa-se também já ter de alguma forma anunciado o que se pode esperar da comparação de resultados de Flores da Cunha e dos dois outros municípios para as variáveis Idade, Local de Residência e Qualidade da Consoante: as mesmas tendências foram verificadas. Por isso, a discussão dos resultados será um tanto mais breve.

É social o segundo grupo de fatores selecionado pelo programa na análise dos dados de Flores da Cunha, e parece indicar mudança em progresso. Trata-se de Idade, controlado segundo a hipótese de que a palatalização, regra nova na comunidade, estaria em progresso, sendo introduzida pelos mais jovens e por esses difundida aos demais grupos etários. Essa hipótese também se confirmou. Veja-se a Tabela 2.

Tabela 2: Idade

Fatores	Aplic./Total	%	Peso relativo
18 a 30 anos	3114/6146	51	0,86
31 a 50 anos	1599/5766	28	0,50
51 a 70 anos	1530/6080	25	0,42
71 ou mais anos	515/5171	10	0,14
TOTAL	6758/23163	29	

Input 0,174 Significância 0,000

Os grupos etários mais jovens apresentam as maiores proporções de aplicação da regra. Seus pesos relativos indicam não só que os falantes mais jovens condicionam favoravelmente a palatalização, mas também que há a tendência de o processo se aplicar e progredir com eles. É o que Bisol (1991) verificou para os descendentes de italianos de Veranópolis, e Matté (2009), para os de Caxias do Sul, município em que a palatalização tem uma frequência total de aplicação um pouco mais alta, 35%. Mas não é o que Battisti et al. (2007) verificaram em Antônio Prado, onde a palatalização também se aplica numa taxa quase igual, de 30%, mas em que há sinais de estabilização do processo em índices modestos. Visualize-se a comparação no Gráfico 2:

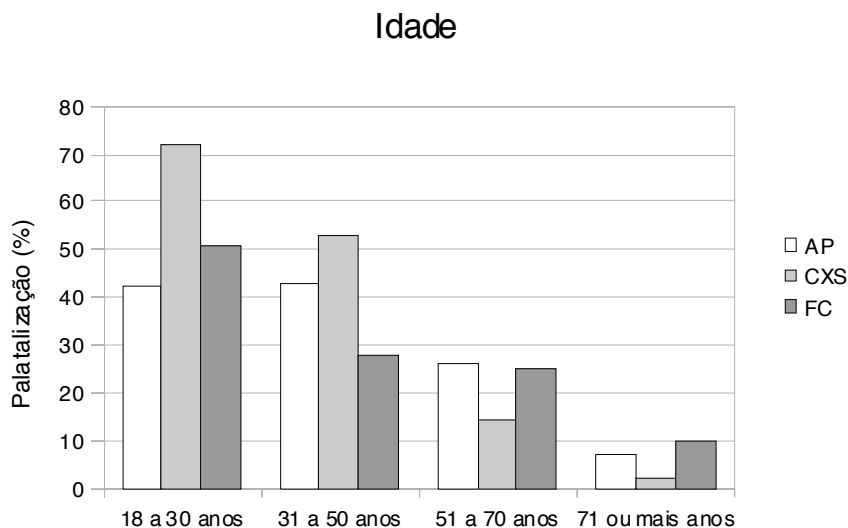


Gráfico 2: Proporção de palatalização para a variável Idade em Antônio Prado, Caxias do Sul e Flores da Cunha

Tanto a relação em rede dos informantes de Antônio Prado quanto a orientação positiva dos jovens pradenses explica o fato de a regra, inovadora, não estar progredindo no município, haja vista a estabilização nos grupos 18-30 anos e 31-50 anos. Já em Caxias do Sul e Flores da Cunha, em que o índice do grupo 18-30 anos aponta o avanço da palatalização, o que há de diferente parece ser uma maior mobilidade territorial dos indivíduos, maiores oportunidades de contato com pessoas de fora da comunidade, o que abriria a fala a inovações como a palatalização e poderia explicar a tendência ao progresso da regra, a despeito de sua moderada aplicação.

O terceiro grupo selecionado é Local de Residência. Noll (2008), sobre o português brasileiro, afirma que a palatalização é um processo urbano. É o que verificaram Battisti et al. (2007) em Antônio Prado, e que se esperava verificar também em Flores da Cunha. A análise confirmou essa hipótese. Os resultados referentes a Flores da Cunha estão na Tabela 3, e a comparação com os resultados das duas outras comunidades, no Gráfico 3.

Tabela 3: Local de Residência

Fatores	Aplic./ Total	%	Peso relativo
Zona Urbana	4336 / 11494	38	0,67
Zona Rural	2422 / 11669	21	0,33
TOTAL	6758 / 23163	29	

Input 0,174 Significância 0,000

A frequência de palatalização, embora moderada na zona urbana (38%), é superior à verificada na zona rural (21%). Os pesos relativos obtidos indicam que o processo tende a aplicar-se na zona urbana de Flores da Cunha, favorecedora da regra, e é inibido na zona rural. Essa é a tendência também em Antônio Prado e Caxias do Sul, exibida no Gráfico 3.

Local de residência

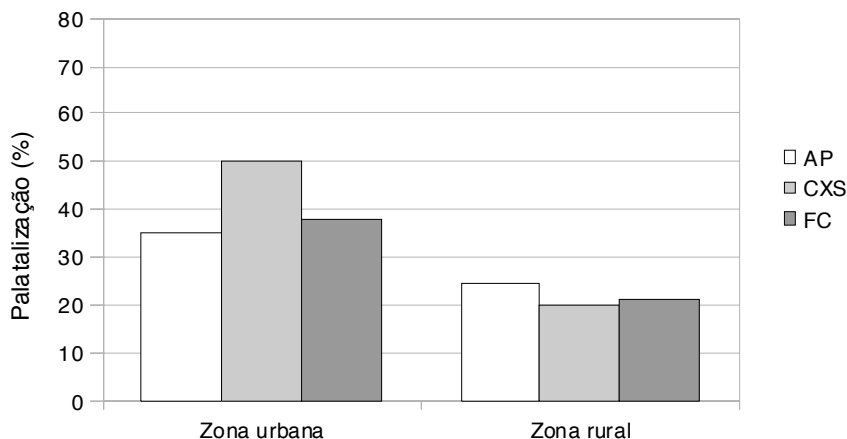


Gráfico 3: Proporção de palatalização para a variável Local de Residência em Antônio Prado, Caxias do Sul e Flores da Cunha

A razão para esse comportamento distinto e polarizado dos dois locais de residência pode ter relação, como já observaram Battisti et al. (2007) em Antônio Prado, com práticas sociais distintas realizadas pelos indivíduos, e com a rede social que integram. As zonas rurais de municípios da RCI-RS abrigam pequenas propriedades rurais produtivas, quase autossuficientes e geridas por um núcleo familiar que trabalha e vive na terra. Afóra os integrantes mais jovens da família, que se deslocam diariamente a escolas próximas para estudar, os demais membros apresentam pequena mobilidade territorial e, assim, travam contato com poucos desconhecidos. Sendo a palatalização aspecto inovador na fala em língua portuguesa, mas cuja difusão depende de contato interpessoal e práticas compartilhadas, é de se esperar que a alternante palatalizada tenha pequeno emprego, pois os indivíduos da zona rural expõem-se pouco a indivíduos palatalizadores, a interação entre eles é quase nula. As redes sociais que formam são densas e multiplexas, prevenindo a palatalização de se propagar.

Outro aspecto que merece destaque é o fato de o bilinguismo português-italiano persistir na zona rural. Pelas razões abordadas acima quando da apresentação dos resultados da variável *Status* da Vogal Alta, esse contato preserva da elevação a vogal média que desencadearia a palatalização, e que representa boa parte dos contextos analisados.

Os habitantes da zona urbana realizam práticas sociais diferenciadas, o que contribui para a difusão da regra. Tanto o setor de comércio quanto o da indústria e serviços propicia interação com indivíduos de municípios vizinhos e, mais importante, de fora da RCI-RS. O próprio deslocamento para realizar curso superior leva, principalmente os jovens, a práticas compartilhadas com indivíduos diversos, flexibilizando laços que preveniriam mudanças de comportamento, inclusive do linguístico.

No quarto grupo de fatores selecionado, Qualidade da Consoante-Alvo, controlou-se a consoante candidata à palatalização, se a vozeada /d/ ou a desvozeada /t/. A hipótese era a de que em Flores da Cunha a consoante /t/ condicionaria a regra de palatalização, como visto em Battisti et al. (2007) e Mauri (2008) para Antônio Prado e Caxias do Sul, respectivamente. Novamente, a hipótese foi confirmada pela análise. Os resultados de Flores da Cunha estão na Tabela 4, e a comparação entre as comunidades, no Gráfico 4.

Tabela 4: Qualidade da consoante-alvo

Fatores	Aplic. / Total	%	Peso relativo
T (tia)	3817/10573	36	0,60
D (dia)	2941/12588	23	0,40
TOTAL	6758/23163	29	

Input 0,174 Significância 0,000

A frequência de palatalização de /t/ (36%) não é tão distinta da palatalização de /d/ (23%). No entanto, os pesos relativos são reveladores: contextos com /t/ tendem a ser palatalizados, e a consoante desvozeada favorece a aplicação da regra; já a consoante vozeada /d/ desfavorece o processo. A mesma tendência se verifica nos outros municípios, o que, retomando a hipótese de Guy (2000), se pode esperar de condicionamentos de natureza interna ou estrutural que reflitam a unidade maior do português do Brasil.

Qualidade da consoante-alvo

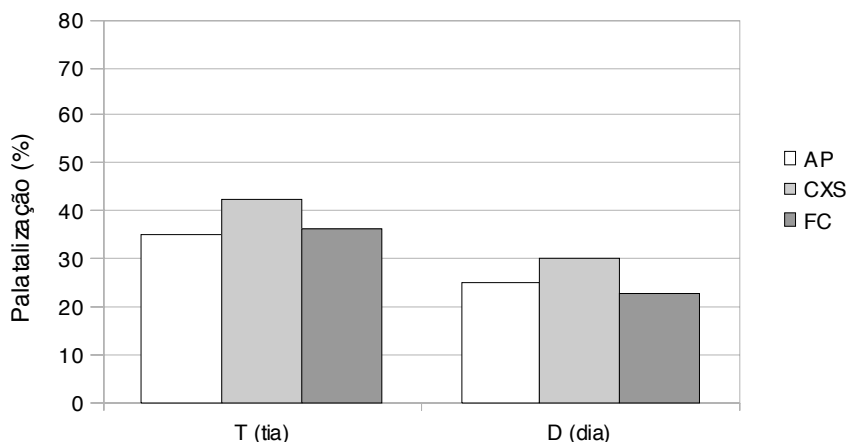


Gráfico 4: Proporção de palatalização para a variável Qualidade da Consoante-Alvo em Antônio Prado, Caxias do Sul e Flores da Cunha

A explicação para o fato pode ser a de Dutra (2007):

...durante a articulação de consoantes [-voz], a energia articulatória se concentra nos órgãos supraglóticos [...] o processo de palatalização leva a uma grande concentração de energia na parte anterior da cavidade bucal e é justamente a articulação das consoantes [-voz] que propicia tal configuração articulatória. (Dutra, 2007, p. 105-106)

Há, portanto, uma semelhança na articulação da consoante desvozeada /t/ que a aproxima do processo de palatalização, explicando seu papel favorecedor, diferente de /d/.

A apresentação dos resultados do estudo da palatalização em Flores da Cunha objetivou mostrar, por um lado, os condicionamentos linguísticos e sociais do processo naquele município. Por outro, pela comparação com os resultados obtidos em outros municípios da mesma região, buscou-se defender a necessidade de lidar com uma comunidade de fala maior que o município para responder à questão da implementação da palatalização em falares do Rio Grande do Sul. É preciso lidar com uma região, recortada (imaginada) a partir da origem étnica comum e pelas práticas sociais ligadas a ela, hoje simbolicamente tomadas

como tradicionais, autênticas. É sobre essa região que se discute um pouco mais a seguir, desta vez no eixo local-global, abordando os efeitos ideológicos e identitários dos valores locais, de um lado, e dos valores não-locais ou globais, de outro, sobre o emprego das variantes palatalizada e não palatalizada.

4. RCI-RS e identidade: a palatalização entre o local e o global

A variante palatalizada é inovadora em comunidades da RCI-RS como Flores da Cunha. Na realização de entrevistas sociolinguísticas nesse município e em atividades de observação participante, não se percebeu qualquer associação da variante palatalizada com valores positivos como bonito, moderno, correto. Tampouco negativos. O que se percebeu foi uma identificação dessa variante com o “de fora”, com o que não é local, isto é, com o não florense. Em interação com alguns informantes ou outros habitantes do município, era nítido o esforço de, num primeiro momento, produzir algumas formas palatalizadas, muitas das quais abandonadas ao longo da conversa. Outros, principalmente os mais velhos, não palatalizavam. Mas conseguiam sugerir, ou mesmo afirmar claramente, que “aqui não se fala assim”, mesmo que, inconscientemente, tivessem palatalizado vez ou outra. Isso mostra que a variante palatalizada, saliente aos membros da comunidade, pode ser usada como um recurso identitário, para aproximá-los dos forasteiros ou, fora dos limites da comunidade, no âmbito aqui denominado global, para encobrir sua identidade.

Essa utilização das variantes como recursos linguísticos fora do local se dá se o fluxo de bens e capitais, de informação, entre outros, implicar mobilidade territorial. Os indivíduos, fora da comunidade, estão sujeitos à exposição a outros padrões de fala cujas características podem ser incorporadas à sua fala. Afirma Santos (2000):

O global e o local são socialmente produzidos no interior dos processos de globalização (...) perante as condições do sistema mundial em transição não existe globalização genuína; aquilo a que chamamos globalização é sempre a globalização bem sucedida de determinado localismo. (...) não existe condição global para a qual não consigamos encontrar uma raiz local, real ou imaginada, uma inserção cultural específica. (Santos, 2000, p. 63).

Como mostramos, no que se refere a Flores da Cunha e municípios vizinhos de mesma origem étnica, o global e o local necessitam ser

entendidos relativamente à RCI-RS. Já no estudo de Antônio Prado se havia verificado não só a presença do fenômeno da globalização e de sua contraparte, a localização, mas o fato de o local demarcador da comunidade não ser o município em si, mas a própria RCI-RS. São três as razões principais para isso: primeiramente, porque as fronteiras de boa parte dos municípios dessa região são constantemente redesenhadas na rede de relações (econômico-culturais) que estabelecem com municípios vizinhos maiores, destacando-se aí Caxias do Sul, e com outras localidades. Essas repercutem diretamente nas práticas sociais individuais. Por exemplo, para estudar, os habitantes mais jovens deslocam-se diariamente a outras comunidades; no exercício econômico, as empresas exportam produtos, o que as coloca, e a seus colaboradores, em relação com outros sujeitos em localidades distantes. Por outro lado, mesmo com os setores do comércio e da indústria relativamente bem desenvolvidos, uma parcela da população dedica-se a práticas agropecuárias que mantêm os indivíduos na zona rural dos municípios. Esse conjunto de práticas socioeconômicas tem sido relacionado à vocação para o trabalho e ao empreendedorismo dos imigrantes italianos, traços celebrados em festas comunitárias como a Noite Italiana (Antônio Prado), a Festa da Vindima (Flores da Cunha) e a Festa da Uva (Caxias do Sul).

Em segundo lugar, porque, embora o local venha sofrendo impacto dos processos globais, estruturas sociais tradicionais como a familiar ainda orientam as práticas individuais, o que se verifica na rede social. Embora os informantes estabeleçam relações supraterritoriais em algumas de suas práticas, convivem na comunidade conforme os velhos padrões da família patriarcal, o que denota, em termos de identidade, uma orientação para o local, e acaba produzindo apenas um efeito de incorporação de elementos globais, e não de sua expansão maciça sobre os traços locais. Em termos linguísticos, isso corresponde a uma situação de aparente transitoriedade: há variação, mas moderada.

Em terceiro lugar, porque o ritmo e velocidade dos processos de globalização e localização não é o mesmo nesses municípios, o que se relaciona ao modo como a própria América Latina, Brasil e RCI-RS foram colonizados, e como todo o continente passou pelo processo de incorporação ao sistema capitalista de produção nos últimos séculos. De certa maneira, a América Latina, Brasil e RCI-RS já nasceram de processos históricos globalizadores (Menz, 2009; Kühn, 2007; Giron, 1992), razão pela qual a atual inserção dessas regiões no processo de globalização passa, necessariamente, por tendências já demarcadas nos fluxos internacionais e locais. Alguns elementos históricos da formação social

brasileira já atestam as dificuldades de criação de um sentimento e de uma ideologia que pudessem ser rotulados nacionais (Oliven, 1992; Seyferth, 2000), fazendo prevalecer no Brasil a matriz ideológica colonizada (Cardoso, 2003), o que acabou tendo impacto negativo na formação das classes sociais no país.

A essas três razões soma-se outro aspecto relevante, que é o relativo atraso no desenvolvimento de certas regiões do Brasil, fruto de um modelo concentrador. Algumas delas, como a RCI-RS, passaram por um processo de desenvolvimento tardio se comparado ao do centro do país. Isso, porém, não levou ao atraso socioeconômico da região em relação ao centro nos dias atuais, apenas contribuiu para o desenvolvimento, nela, de uma fraca ideologia nacional, já existente no país quando do auge da colonização italiana na região nordeste do Rio Grande do Sul. Então, ideologicamente, quando a RCI-RS começou a apresentar índices significativos de crescimento e desenvolvimento, já na segunda metade do século XX, a antiga tradição italiana foi reconstruída (e em vários aspectos inventada). Como consequência, na RCI-RS, a incorporação globalizadora não tem sido tão rápida. O local é relativamente desenvolvido, apresentando contornos ideológicos e sentimentais de apego ao passado, às tradições da colonização e à condição (adversa) de colonização. Isso reforça valores ligados ao mundo do trabalho, da religião, da família e fornece recursos, dentre eles os linguísticos, para a afirmação de uma identidade local. É o que faz emergir padrões moderados de mudança nos comportamentos sociais e nos usos linguísticos na RCI-RS, refreando a expansão da palatalização variável da capital a essa região do interior.

5. Considerações finais

A análise de regra variável da palatalização na comunidade gaúcha de Flores da Cunha repete e confirma os fatores condicionadores do processo já verificados em outros municípios pertencentes à mesma região, a RCI-RS: vogal alta fonológica /i/ e consoante-alvo desvozeada /t/ favorecem o processo, bem como os grupos etários jovens e a zona urbana do município. Os resultados autorizam, portanto, que se pense em uma região, e não em municípios específicos, quando de sua discussão e interpretação. Ao mesmo tempo, permitem refletir sobre a questão do refreio à implementação da palatalização no interior do estado, em contraste com os altos índices de palatalização na capital do estado.

Viu-se que a economia forte e a percepção de pertença a uma comunidade de mesma origem étnica, a italiana, reforça laços identitários dos habitantes da RCI-RS com o local e impede a região de tornar-se tão

porosa a mudanças. Inovações ocorrem na comunidade, mas lentamente. Tanto sua história quanto seu processo de estruturação social mostram que, globalizada desde o início, apegase a valores e traços da cultura de base, de que a língua portuguesa sem palatalização faz parte. A implementação da palatalização variável na RCI-RS apresenta indícios de progresso, mas este e outros trabalhos confirmam que características sociais têm tornado lento o processo e motivado o contraste que ora se forma com os índices da capital do estado para a mesma regra.

Referências

ABAURRE, M. B. M.; PAGOTTO, E. G. "Palatalização das oclusivas dentais no português do Brasil". In: ABAURRE, M. B. M.; RODRIGUES, A. C. S. (orgs.). *Gramática do Português Falado Volume VIII: novos estudos descritivos*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2002.

ANDERSON, B. *Imagined communities*. London: Verso, 1983.

BATTISTI, E. et al. "Palatalização das oclusivas alveolares e a rede social dos informantes". *Revista virtual de estudos da linguagem – ReVEL*, v.5, n.9, ago. 2007. Disponível em: www.revel.inf.br. Acesso em: 27 fev. 2008.

BATTISTI, E.; GUZZO, N. B. "Palatalização das oclusivas alveolares: o caso de Chapecó". In: BISOL, L.; COLLISCHONN, G. (orgs.). *Português no sul do Brasil: Variação fonológica*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009, pp. 114-140.

BISOL, L. *Harmonização vocálica: uma regra variável*. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1981.

BISOL, L. "A palatalização e sua restrição variável". *Estudos* 5, pp. 151-162, 1986.

BISOL, L. "Palatalization and its variable restriction". *International Journal of Sociology of Language*, n. 89, p. 107-124, 1991.

BOURDIEU, P. *Outline of a theory of practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

CARDOSO, F. H. *Capitalismo e escravidão no Brasil meridional: O negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul*. 5 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

COUPLAND, N. *Style: language variation and identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

DUTRA, E. de O. *A palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ no município de Chuí, Rio Grande do Sul*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

ECKERT, P. *Linguistic variation as social practice*. Malden / Oxford: Blackwell, 2000.

ECKERT, P. "Variation and a sense of place". In: FOUGHT, C. (org.). *Sociolinguistic variation: Critical reflections*. Oxford: Oxford University Press, 2004, pp. 107-118.

FROSI, V. M.; MIORANZA, C. *Dialetos italianos: um perfil linguístico dos ítalo-brasileiros do nordeste do Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul: EDUCS, 1983.

FROSI, V. M. *Provérbios dialetais italianos: uma linguagem em extinção*. 1989. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1989.

GIRON, L. S. "A imigração italiana no RS: fatores determinantes". In: DACANAL, J. H.; GONZAGA, S. *RS: Imigração & Colonização*. 2 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992. pp. 47-66.

GUY, G. R. "A identidade linguística da comunidade de fala: paralelismo interdialetoal nos padrões de variação linguística". *Organon*, v.14, n.28/29, 2000, pp. 17-32.

GUZZO, N. B. *A elevação da vogal média anterior átona em Flores da Cunha (RS)*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2010.

HORA, Dermeval da. *A palatalização das oclusivas dentais: variação e representação não-linear*. Tese (Doutorado em Letras – Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1990.

KAMIANECKY, F. *A palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ nas comunidades de Porto Alegre e Florianópolis: uma análise quantitativa*. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

KÜHN, F. "Uma fronteira do Império: o sul da América portuguesa na primeira metade do século XVIII". *Anais de História de Além-Mar*, v. VIII, 2007, pp. 103-121.

LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1972.

_____. *Principles of linguistic change – internal factors*. Malden / Oxford: Blackwell, 1994.

_____. *Principles of linguistic change – social factors*. Malden / Oxford: Blackwell, 2001.

MATTÉ, G. D. "A palatalização variável de /t d/ em Caxias do Sul (RS)". *Livro de Resumos/ XXI Salão de Iniciação Científica, XVIII Feira de Iniciação Científica da UFRGS, IV Salão UFRGS Jovem*. CD ROM. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

MAURI, C. *Palatalização das oclusivas alveolares e práticas sociais em capelas de forqueta, Caxias do Sul (RS)*. Dissertação (Mestrado em Letras e Cultura Regional) – UCS, Caxias do Sul, 2008.

MENZ, M. M. *Entre impérios: formação do Rio Grande na crise do sistema colonial português*. São Paulo: Alameda, 2009.

MUFWENE, S. S. "Globalization, global English, and world English(es): Myths and facts". In: COUPLAND, N. (org.). *The handbook of language and globalization*. Malden / Oxford: Wiley-Blackwell, 2010, pp. 31-55.

NOLL, V. *O português brasileiro: formação e contrastes*. São Paulo: Globo, 2008.

OLIVEN, R. G. *A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-Nação*. Petrópolis: Vozes, 1992.

ROVEDA, S. D. *Elevação da vogal média átona final em comunidades bilíngues: português e italiano*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

SABBATINI, M.; FRANZINA, E. *I veneti in Brasile nel Centenario dell'emigrazione (1876-1976)*. Vicenza: Accademia Olimpica, 1977.

SANTOS, M. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SEYFERTH, G. "Identidade nacional, diferenças regionais, integração étnica e a questão imigratória no Brasil". In: ZARUR, G. de C. L. *Região e nação na América Latina*. Brasília: Editora da UnB, 2000, pp. 81-100.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para*

uma teoria da mudança linguística. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006[1968].

ZANINI, M.C.C. *Italianidade no Brasil meridional: a construção da identidade étnica na região de Santa Maria-RS*. Santa Maria: Editora UFSM, 2006.

Resumo

Análise de regra variável da palatalização das oclusivas alveolares /t/ e /d/ no português falado em Flores da Cunha (RS) e sua comparação com os índices verificados em Antônio Prado (RS) e Caxias do Sul (RS). Discussão do contraste entre a frequência total de aplicação nos três municípios da antiga região colonial italiana do Rio Grande do Sul, em torno de 30%, e a frequência total da capital Porto Alegre, de 90%.

Palavras-chave: português brasileiro; palatalização das oclusivas alveolares; análise de regra variável; implementação da variação e mudança fônica.

Abstract

Variable rule analysis of the palatalization of dental stops in Portuguese as it is spoken in the Brazilian city of Flores da Cunha, located in the state of Rio Grande do Sul (RS). Comparison of the results obtained in Flores da Cunha with the ones obtained in Antônio Prado (RS) and Caxias do Sul (RS) in previous analysis. Discussion of the contrast between the application rates of those three cities, around 30%, and the application rate of Porto Alegre, the capital city of the state, around 90%.

Keywords: Brazilian Portuguese; palatalization of dental stops; variable rule analysis; implementation of phonological variation and change.